



RESISTIR E LUTAR: ESTRATÉGIAS DE AGRICULTORES FAMILIARES POR TERRA E POR SUSTENTABILIDADE NA MATOPIBA

Relato de Experiência

Queina Lima da Silva¹

Resumo

O presente trabalho objetiva-se a analisar as estratégias de resistência e de luta de agricultores familiares do Acampamento Zequinha Barreto (BA), observando o avanço da fronteira agrícola na região do Oeste Baiano. A luta é pelo direito à terra e à sustentabilidade do cerrado, uma vez que os agricultores dependem desse bioma para continuar desenvolvendo seus modos de vida, enfrentando o modelo agroindustrial, e possibilitando o desenvolvimento de práticas da Educação Ambiental, como por exemplo a “lida com a terra”, em que prepara para a vida do e no campo. Optamos pela metodologia qualitativa, com aplicação de entrevista ao coordenador de agricultura do acampamento e a uma líder feminina.

Palavras-chave: Agricultura Familiar; Terra; Educação Ambiental; Acampamento Zequinha Barreto.

INTRODUÇÃO

A luta por terra entre o agronegócio e os agricultores familiares se intensificou no MATOPIBA. A agricultura em larga escala gera a perda de biodiversidade e tem expropriado os povos tradicionais e agricultores do campo. No entanto, muitos resistem e lutam, e, nestes processos de resistência, têm ensinado as crianças conteúdos de Educação Ambiental de maneira informal, por meio de exemplos do cultivo com a terra, e isso tem despertado nas crianças a identificação com a categoria agricultor familiar, e fomentado nelas uma relação de sustentabilidade com o meio rural, por saber que vivem no e do campo.

Os latifundiários e os agricultores têm disputado as terras que ficam na nova fronteira agrícola o MATOPIBA, que compreende às áreas de cerrado existentes nos Estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia e que, devido ao potencial dos solos e a existência de

¹ Mestranda em Educação da Universidade de Brasília-UnB, Brasília, DF, queinal@hotmail.com .

grandes volumes hídricos – em virtude da existência de várias bacias hidrográficas, se tornou um espaço de conflitos por terras.

O modelo agrícola moderno tem gerado externalidades no meio ambiente nas regiões de cerrado. Os povos tradicionais, segundo Ciavatta e Frigotto (2012, p.749) “se utilizam dos bens da natureza pelo trabalho e, assim, produzem meios de sobrevivência e conhecimento”, desenvolvem, portanto, o trabalho em seu sentido ontológico, como o meio de produção de vida e de sociabilidade. E a agricultura em larga escala tem assoreado os solos, tornando-os inférteis, e tem contaminado os rios, devido ao intenso uso de agrotóxicos para combate às pragas. Diante da ameaça de perda de suas terras para o agronegócio, só resta aos agricultores a luta e a resistência. Uma das ações desenvolvidas a esse respeito têm sido as ocupações de territórios e o ensino de práticas agrícolas sustentáveis para o povo que vive na comunidade.

METODOLOGIA

Optamos pela abordagem qualitativa, com o uso de entrevista semiestruturada aplicada ao coordenador de agricultura (João) do acampamento e a uma líder feminina (Ana) e mãe de crianças da comunidade.

RESULTADOS PRELIMINARES

Ao realizar as entrevistas pude constatar que há no cotidiano do acampamento práticas de Educação Ambiental não formal nos processos de resistência e luta pela terra. Essas práticas se dão desde a formação da identidade dos que vivem no acampamento, como nas ações que são desenvolvidas para que a agricultura familiar seja alicerçada em princípios agroecológicos, às mobilizações de luta pela terra. Diante da ameaça de perda de suas terras para o agronegócio, só resta aos agricultores a luta e a resistência. Uma das ações desenvolvidas têm sido as ocupações de territórios e o ensino de práticas agrícolas sustentáveis para as crianças e jovens da comunidade.

Ao perguntar se a escola do acampamento abria espaço para que os líderes locais desenvolvessem atividades de conscientização das lutas pela terra e da Educação Ambiental, foi mencionado pelo João que *está realizando em parceria com a escola um trabalho de compostagem de adubo, já fizeram diversas experiências com os alunos para ensinar para eles como plantar, irrigar e acompanhar o desenvolvimento do milho e da abóbora.*

Quando da pergunta se as crianças da comunidade já se identificam pertencentes ao campo e sabem que seus familiares são agricultores familiares, a participante Ana respondeu afirmativamente *porque se você pegar eles em uma época de farinha, na casa de farinha você ver cada um, um menino com seis, sete anos cada com uma faca um raspando mandioca. E que eles fazem isso com gosto*, já nas palavras do João é possível concluir que as crianças estão inseridas no contexto da agricultura familiar, e que essa inserção se dá de forma natural. Ao ver os pais plantando, as crianças já vão participando e colaborando com a atividade do plantio, de maneira espontânea. “O campo é espaço de vida e resistência, onde os camponeses lutam por acesso e permanência na terra e para edificar e garantir a natureza, o trabalho, a cultura e suas relações sociais” (MOLINA, 2004).

Tanto João quanto Ana deixam claro em suas falas que há um constante cuidado com as práticas de Educação Ambiental, uma vez que eles precisam do meio ambiente para viver. Esse cuidado é aplicado mesmo às pequenas coisas, como o combate com às pragas no plantio, o cultivo das verduras e frutas e a criação de animais. De acordo com Caldart (2015, p.10), a agricultura familiar reconhece como “principal função da agricultura a de produzir alimentos, saudáveis e ambientalmente sustentáveis, para o conjunto da população e dinamizando o território onde são produzidos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso de vida dos moradores que vivem em um acampamento é árduo, por vezes são marginalizados pela sociedade, vivem em condições precárias, sem energia elétrica, água encanada e serviços básicos de saúde. O processo de resistência pela terra passa, dentre outras coisas, pelo enfrentamento inclusive da resistência física, passam pelo calor vivendo em barracos de lona, pois – por ainda não terem a posse da terra – não podem construir suas casas, e, atualmente, são ameaçados pela fronteira agrícola, que na medida em que se expande, ameaça tirar essas terras, pois, de acordo com João, já há interesse por perceberem que o solo é fértil, devido aos plantios desenvolvidos pelos agricultores familiares do acampamento.

Os agricultores familiares precisam desenvolver novas estratégias de enfrentamento ao agronegócio, para não perderem uma terra que ainda não é legalmente sua. Por isso é preciso resistir e lutar pelo direito a desenvolver seu modo de vida, a agricultura familiar é uma das formas de resistência, pois possibilita que os homens desenvolvam o trabalho ontológico e

consigam sobreviver de maneira sustentável, pois, para os agricultores familiares a natureza é um espaço de vida e trabalho, e, devido a isso, desenvolvem a Educação Ambiental informal, ensinando para crianças e jovens os cuidados que precisam ter com o meio ambiente e a forma de como produzir de maneira sustentável, baseada nos princípios agroecológicos, isso possibilitando que eles continuem vivendo do e no campo.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salet. **Sobre a especificidade da Educação do Campo e os desafios do momento atual**. Mimeo.2015

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **O Trabalho como Princípio Educativo no Projeto de Educação Integral de Trabalhadores**- Excertos. Disponível em: http://redeescoladegoverno.fdrh.rs.gov.br/upload/1392215839_O%20TRABALHO%20COM%20PRINC%C3%8DPIO%20EDUCATIVO%20NO%20PROJETO.pdf

MOLINA, Mônica Castagna (Org). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.